

CULTURA MATERIAL DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS DO VALE DO RIBEIRA (SP)

Júlio César Suzuki¹
Kátia Souza Rangel²

Introdução

A região do Vale do Ribeira concentra os principais remanescentes florestais da Mata Atlântica, devido ao histórico de sua ocupação, bem como ao manejo adequado realizado pelas populações tradicionais (DIEGUES; VIANA, 2004), em diferentes períodos de dinamismo econômico, remontando à exploração aurífera, entre os séculos XVI e XVIII, até que o eixo de exploração do ouro fora deslocado para a região das Minas Gerais, no contexto da descoberta de importantes áreas de ocorrência de pedras preciosas e de ouro.

Os séculos XVII e XIX marcaram um segundo e último período de apogeu econômico, a partir da produção de arroz, que era comercializado com a província do Rio de Janeiro, sobretudo no período de chegada da família real no Brasil, o que permitiu a formação de grandes fazendas no Vale do Ribeira, com o uso do trabalho livre e escravo. O declínio das fazendas de produção de arroz se deu com a consolidação da produção cafeeira na porção oeste da província de São Paulo e consequente transferência dos grandes fazendeiros (PRADO JR, 1994).

Neste contexto de mudança produtiva e declínio de produção, as fazendas rizicultoras do vale foram abandonadas, sendo a estrutura produtiva incorporada, pela população local, à reprodução de uma economia agrícola baseada no excedente (CÂNDIDO, 1964), viabilizando a reprodução das populações tradicionais nos bairros rurais, onde reproduziam, e reproduzem, a pequena agricultura, a pesca, o extrativismo, a produção artesanal dos instrumentos de trabalho, num processo que contribui para a consolidação de um conhecimento tradicional acerca do manejo dos recursos naturais (DIEGUES, 2001).

Assim, a região permaneceu marginalizada em relação ao processo de desenvolvimento econômico estadual até meados do século XX, quando a abertura e, posteriormente, o asfaltamento da rodovia Régis Bittencourt facilitaram o deslocamento, de pessoas, mercadorias e informação, entre a capital do estado de São Paulo e o Vale do Ribeira, viabilizando a maior integração territorial e econômica da região.

Pensar a cultura material das populações tradicionais do Vale do Ribeira (SP) requer refletir acerca do significado dos objetos utilizados nas práticas imateriais, que são associados, entre outros, à religiosidade e às formas de representação do espaço onde vivem, bem como às práticas materiais, relacionadas às atividades produtivas, como a produção da farinha, instrumentos de trabalho, artesanatos, entre outros.

Assim, o nosso objetivo é o de analisar o uso dos objetos, bem como as suas técnicas de confecção e a sua distribuição na paisagem, o que permitirá a compreensão da importância da produção da cultura material das populações tradicionais e, no âmbito da Geografia, da produção do espaço em diferentes formas de organização social. Tomaremos, para tanto, como referência, a reprodução material e imaterial de populações tradicionais do Vale do Ribeira paulista no período compreendido pelos anos de 1950 a 2010.

Levaremos em consideração, como dimensão fundamental, a reelaboração do significado da produção de determinados objetos, como os artesanatos, destinados ao uso doméstico e, também, para o comércio, no âmbito do turismo (CRUZ, 2003).

Neste sentido, o conceito de modo de vida (SUZUKI, 1996) é o fio condutor de nossa análise acerca da cultura material (BESSEGATO, 2004; MENEZES, 1998) das populações tradicionais, sendo este interpretado como conceito e práxis vivenciada pelas populações tradicionais em seus bairros rurais (CANDIDO, 1964; FERNANDES, 1967, 1972; QUEIROZ, 1973; RODRIGUES, 1973; BOMBARDI,

2004), onde estas produzem sua cultura material, seu espaço e sua própria paisagem.

A relação construída entre estes conceitos baseia-se nas percepções elaboradas em trabalhos de campo (BRANDÃO, 1984; MARTINS, 2009; VENTURI, 2005), orientando a construção do entendimento acerca da realidade vivida por estas populações, cuja dinâmica cultural demonstra as especificidades relativas à importância e à função de sua cultura material, bem como o uso de cada objeto e, conseqüentemente, as especificidades relativas às diferentes formas de reprodução simbólica e material.

No que se refere ao método, admitimos as teorias da Criação e Recriação do Campesinato e do Latifúndio (OLIVEIRA, 1987) e da Etnoconservação (DIEGUES, 2000), como explicadoras do processo de recriação das estratégias do campesinato no que se refere à permanência na terra e reafirmação do conhecimento tradicional (DIEGUES, 2001).

Ainda, enquanto técnicas de pesquisa, realizamos a revisão bibliográfica, trabalhos de campo (BRANDÃO, 1984; MARTINS, 2009; VENTURI, 2005), registros de entrevistas valendo-nos de histórias de vidas (FREITAS, 2006; MEIHY, 1996; THOMPSON, 1992), orientadas por roteiro semiestruturado, e composição de séries fotográficas.

Partindo para a análise conceitual, modo de vida é definido por Júlio César Suzuki (1996), em *De povoado à cidade: a transição do rural ao urbano em Rondonópolis*, a partir das relações que determinada comunidade estabelece com o espaço em que vive (SUZUKI, 1996:179), apontando: "(...) para a visão de mundo que os moradores possuem em momento determinado, bem como as transformações que foram operadas em relação à percepção, à vivência e à concepção do espaço existentes em modo de vida anteriores." (SUZUKI, 1996: 190).

Neste sentido, entendemos o conceito de modo de vida como um conjunto de práticas relacionadas ao mundo imaterial e material, que determinado grupo ou comunidade constrói por meio das relações, também específicas, estabelecidas com o mundo em que vivem.

Modo de vida e cultura material

A análise do modo de vida de diferentes populações, reunidas no âmbito das especificidades culturais do campesinato, demonstra e é demonstrado por meio da cultura material (BESSEGATO, 2004; MENEZES, 1998) reproduzida por estas, na medida em que atuam como instrumentos por meio dos quais estas se relacionam entre si, com o espaço e a sociedade nacional (MARTINS, 2009).

A cultura, para Maurí Luiz Bessegato (2004), em *O patrimônio em sala de aula*, por um lado, refere-se às ações e formas dinâmicas de expressão social, reconhecidamente como de utilidade prática ao fundamentar a procura por soluções aos dilemas em que se inserem as sociedades e os sujeitos:

As ações pelas quais os povos manifestam suas formas de ser constituem sua cultura. Passadas de geração em geração, vão se transformando ao longo do tempo, adquirindo novas formas de expressão. A cultura é um processo dinâmico que se cria e recria no cotidiano, em busca da solução das dificuldades que cada sociedade ou indivíduo enfrentam (BESSEGATO, 2004: 25).

Por outro, a cultura material pode ser entendida, segundo Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes (1998), em “Memória e Cultura material: documentos pessoais no espaço público”, como o “universo físico socialmente apropriado” (MENEZES, 1998:2), incorporando o estudo de pessoas ou grupos que viveram em períodos históricos passados ou vivem no período histórico atual.

No âmbito da Arqueologia, o estudo da cultura material de sociedades pré-históricas e atuais subsidiou a consolidação da Etnoarqueologia (FUNARI, 1988), uma subárea daquela, a partir dos estudos sobre os grupos ameríndios no território norte americano, por meio da análise de vestígios de artefatos, restos vegetais, sambaquis, cestos, vasos, instrumentos, indústrias, técnicas de cultivo, hábitos de moradia, alimentação, organização social, economia, rituais, pinturas rupestres, entre outros. Neste sentido, a “Arqueologia estuda os sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformação com o decorrer do tempo a partir da totalidade material transformada e consumida pela sociedade”. (FUNARI,1988:05).

No que se refere aos métodos de análise empregados pela Etnoarqueologia, os procedimentos físico-químicos subsidiam as análises de datação dos objetos, empregando-se o Carbono 14 para datar artefatos de até 70 mil anos, sendo empregados urânio ou potássio radioativos, além de análises genéticas e geoquímicas para objetos com períodos de datação maiores (FUNARI; NOELLI, 2006:20).

No entanto, Pedro Paulo Funari e Francisco Silva Noelli (2006), em *Pré-História do Brasil*, afirmam a importância da associação de critérios subjetivos em relação à interpretação da distribuição dos objetos na paisagem e ao “contexto arqueológico em que se encontram os vestígios antigos” (FUNARI; NOELLI, 2006:20), cuja interpretação permite inferir sobre o modo de vida e a cultura material das populações, mediados em nossa análise pela produção da farinha, pelo catolicismo rústico, pelo artesanato e pela associação dos moradores.

Cultura material das populações tradicionais do Vale do Ribeira (SP)

A produção da farinha de mandioca é um elemento integrante do modo de vida das populações tradicionais da região, orientando a construção da cultura material de acordo com os instrumentos de trabalho e técnicas aplicadas ao processo produtivo.

A reprodução do processo produtivo relaciona-se à organização social destas populações, sendo que o trabalho familiar, discutido por Antonio Candido (1964) como uma marca da produção caipira, de que os caiçaras, quilombolas, caboclos e ribeirinhos são algumas de suas expressões, possibilita a divisão dos membros da família em torno do desenvolvimento das etapas do processo produtivo, que, em relação à agricultura, refere-se ao preparo da terra, semeadura, colheita e beneficiamento dos cultivares produzidos, os quais se constituem em alimentos consumidos pelas famílias.

A farinha da mandioca é um dos alimentos que compõem a dieta alimentar das populações tradicionais, cujo processo de beneficiamento é realizado a partir da ralagem da raiz, cuja goma é disposta no tipiti, um cesto artesanalmente feito com palha e cipó, tampado com uma tora de madeira, permitindo que este seja expremido pela prensa.

A seguir, na figura 1, observamos o tipiti e sua tampa, posicionados na prensa, que fora construída artesanalmente, com madeira, pelo Sr. Frederico, membro da comunidade quilombola do Mandira, localizado na zona rural do município de Cananéia.

Figura 1 – Prensa da mandioca



Autora: Kátia Rangel, 20/03/2008

Após prensado o tipiti, a goma da mandioca é forneada no tacho de cobre, produzindo, além da farinha, o polvilho, a partir da água expelida do tipiti, que é aparada em uma bacia de madeira, a gamela, e que, após fermentar, é lavada e forneada no tacho.

Além da farinha e do polvilho, o biju é outro subproduto da mandioca, produzido a partir do forneio da farinha em folha de bananeira, conforme se visualiza na figura 2.

Figura 2 – Forneio do biju



Autora: Kátia Rangel, 21/03/2008

Na figura 2, Rute, de camiseta branca, retira a folha da bananeira com auxílio de uma pequena faca, e Durvalina, de camiseta rosa, a preenche com a goma da mandioca prensada, dispondo-a no tacho, que é alimentado com galhos e troncos finos, até que as folhas torrem dos dois lados, para, finalmente, o biju ser torrado sem a folha.

Ao fundo Luana, sobrinha de Rute e Durvalina, observa o trabalho enquanto brinca, sendo que, na organização social destas populações, que é construída em torno da família extensa (CÂNDIDO, 1964), esta é a forma por meio da qual as crianças são introduzidas nas atividades produtivas, participando indiretamente do

trabalho, inicialmente, como momento de aprendizagem; e tomando a frente das lides lentamente até a sua condução completa na fase adulta.

Outro elemento integrante do modo de vida e da cultura material das populações tradicionais é a religiosidade, baseada no catolicismo rústico, que orienta a crença no Deus católico, interpretado como pai de todos os seres e, como ser onipotente, provedor das necessidades de todos os seres, humanos e inumamos, de modo que os membros das comunidades tradicionais vêem-se como iguais, cuja igualdade transcende o núcleo familiar e orientando o desenvolvimento de uma hierarquia social bastante reduzida.

Um elemento comum das casas da vizinhança é a presença de altares, que são os lugares onde são guardadas as estátuas e imagens dos santos e padroeiros das comunidades, escolhidos conforme os milagres realizados por estes em favor de seus devotos, de modo que a presença do altar demonstra a devoção das famílias e importância da religiosidade no modo de vida das populações tradicionais, integrando a cultura material produzida por estas, conforme se pode ver na figura 3, no altar organizado por Maria Aparecida, membro da comunidade Carijo, no município de Cananéia, no qual observamos imagens e estátuas de protetores católicos, como Jesus, Virgem Maria e outros, além de um quadro, à direita, e uma fotografia, à esquerda, do padre Jan Van Der Heijden, conhecido como padre João 30, que rezava missas nos bairros rurais pertencentes à diocese de Cananeia.

Figura 3 – Altar catolicismo rústico



Autora: Kátia Rangel, 12/06/2011

A cultura material produzida em torno da religiosidade, que aqui é representado pelo altar, segundo Oswaldo Elias Xidieh (1972), em *Semana Santa Cabocla*, encaixam-se na organização da vida, na medida em que lugares específicos da casa são determinados para o altar e comportamentos respeitosos são dedicados aos santos, determinando o altar como lugar de realização das orações, junto a estes.

Segundo Xidieh (1972), os objetos religiosos estão reunidos em simpatias, orações e gestos que transformam os santos em “*intermediários*” na resolução de problemas cotidianos, sendo necessárias orações, velas e flores como condição para a prestação da ajuda, bem como para o agradecimento de alguma graça alcançada.

As áreas de reprodução das roças, capela e casas do bairro rural são perceptíveis na paisagem, cuja definição remete à porção do espaço, passível de ser capturada enquanto categoria do visível (SANTOS, 1988), por mais que a paisagem seja muito mais que o olhar possa capturar, sobretudo ao incorporar

simbologias, signos, representações e histórias, o que a carrega de dimensões sociais e individuais de recorte e interpretação.

Uma das técnicas de representação da paisagem é a produção de mapas mentais pelas populações tradicionais, e que, na comunidade do Mandira, fora representado em tecido, pelo grupo de mulheres que trabalha no galpão de costura local.

Na figura a seguir, que representa um dos principais núcleos de ocupação do bairro rural, observamos uma grande casa de farinha na porção superior à direita do mapa, identificada com telhado de palha cinza e sem paredes, onde as mulheres produzem farinha e cuidam das crianças.

Ainda, o mapa produzido representa as casas que compõe o bairro rural, a capela, no centro bem à direita, e o galpão de costura, na cor cinza, ao centro, onde as mulheres produzem, também, artesanatos. Abaixo do galpão de costura, encontra-se o salão da associação de moradores. Entre as construções, há uma enorme riqueza de tipos de árvores e arbustos, elementos da natureza que fazem parte do modo de vida e da cultura, marcantes das populações tradicionais.

De modo geral, o salão da associação de moradores representa o lugar de encontro entre os membros da comunidade, onde estes conversam sobre fatos da vida simples (MARTINS, 2009), combinam os dias de realização dos mutirões, bailes, novenas, batizados, velórios e organizam seus preparativos.

No entanto, diante do atual processo de organização política que as populações tradicionais vêm empreendendo, com o objetivo de acessar direitos (RANGEL, 2011), a função do salão da associação de moradores tem sido reelaborada, tornando-se lugar, também, da realização de reuniões com pesquisadores, representantes de órgãos públicos e ONGs.

Assim, o salão da associação de moradores tornou-se o lugar de decisões políticas das populações tradicionais, onde estas decidem, por exemplo, o aceite ou não da realização dos projetos que lhes são propostos (GIACOMINI, 2010; ISOLDI, 2010), o uso dos recursos acessados por meio destes projetos, como a substituição de suas casas de madeira por alvenaria, compra de veículos, realização de cursos de capacitação e aquisição de computadores para a associação, entre outros.

Figura 3 – Representação em tecido da paisagem do bairro rural



Autora: Kátia Rangel, 20/03/2008

A composição do mapa mental associa elementos da natureza, edificações e práticas imateriais da comunidade, como a ciranda e a festa junina, na porção centro inferior do mapa. Ainda, a presença da capela recupera, para além da localização desta no bairro rural, o cristianismo, anteriormente catolicismo rústico, como elemento do modo de vida das populações tradicionais do Vale do Ribeira, em que

pese salientar a predominância do catolicismo, mesmo que igrejas evangélicas e neopentecostais estejam se tornando cada vez mais comuns.

Ainda, observamos, no mapa mental, as capoeiras formadas pelo mato baixo, que cresce quando as áreas de roça são deixadas em pousio, no momento em que a fertilidade do solo começa a declinar, sendo necessária a abertura de novas áreas de roçados para que as anteriores possam se recompor, tal qual discutiu Ellen Woortmann (1997) ao tratar do significado da rotação de terras na prática agrícola para a reprodução social de populações camponesas.

A realização do pousio permite a composição de um mosaico vegetacional formado pela associação das áreas de capoeiras às árvores de maior porte, que representam a vegetação nativa, formando subosques no interior do bairro rural, demonstrado, no mapa, pelas trilhas e caminhos.

A importância da produção artesanal dos objetos que compõem a cultura material das populações tradicionais está associada ao uso diário destes objetos, como tipitis, prensas, gamelas, enxadas, altares, entre outros, no bojo da reprodução das atividades produtivas, atividades domésticas e decoração.

No entanto, diante do contexto de maior visibilidade das populações tradicionais por meio da reivindicação de direitos, como o acesso a terra, valorização cultural, acesso à saúde, educação e cidadania, a função da produção artesanal foi reelaborada, no sentido de gerar renda e promover o desenvolvimento socioeconômico e ambiental dos bairros rurais.

Na reelaboração dos significados dos objetos e das práticas sociais, o turismo fora incorporado ao modo de vida das populações tradicionais a partir da orientação de órgãos públicos, universidades e organizações não governamentais, como alternativa à proibição da prática das roças de coivara (para a qual se utilizava o manejo de fogo para queima da serrapilheira e uso da cinza para redução dos índices de acidez do solo) pelos órgãos ambientais, tanto federais quanto estaduais.

Assim, a produção artesanal de objetos tem sido direcionada para o comércio realizado com turistas, que visitam os bairros rurais com o objetivo de conhecer a cultura material e imaterial destas populações, cujo público é formado, sobretudo, por pesquisadores, funcionários de órgão públicos e de organizações não governamentais.

Desse modo, a cultura material das populações tradicionais tem aparecido como elemento de mercantilização em atividades políticas e acadêmicas, mas também de valorização cultural, de identidade política e de diálogo intercultural, como no evento Entremundos - Encontros de Povos e Populações Tradicionais no Brasil -, realizado no mês de agosto do ano de 2010, no município de Registro, no Vale do Ribeira (SP), em que o palco (figura 5), organizado para a apresentação das falas dos palestrantes, recupera muitas das marcas da cultura material das populações tradicionais do Vale do Ribeira, em que pese a presença dos objetos de palha confeccionados a partir de saberes indígenas formadores dos conhecimentos caiçaras, quilombolas, ribeirinhos, caboclos, dentre outros.

Figura 5 – Palco do *Entremundos*



Autora: Kátia Rangel, 28/08/2010

A decoração do palco foi feita, assim, a partir de rendas, cestos, chapéus e peneiras confeccionados pelas populações tradicionais do Vale do Ribeira, cujos representantes integraram debates e discussões, juntamente com pesquisadores, representantes de entidades governamentais e de ONGs.

Considerações finais

A cultura material das populações tradicionais do Vale do Ribeira não pode ser pensada ou discutida como algo imutável, congelado ou fixo. Sua transformação guarda marcas profundas da sua origem, bem como das relações contemporâneas em que se inserem as comunidades, com seus novos dilemas e oportunidades.

A força do capital urbano-industrial e da cultura da sociedade urbana media os sentidos e as direções pelas quais a cultura material das populações tradicionais percorre.

Não significa uma influência cultural sem insurgências, contradições ou inovações. Por mais forte e opressora que seja a cultura urbano-industrial, com suas diferentes e divergentes possibilidades e tendências, a cultura material das populações tradicionais se mantém a partir do diálogo estabelecido entre os diversos modos de ser e de viver, elaborando formas próprias de diálogo intercultural em que a conservação da história social dos antepassados é fonte contínua de reelaboração do que é ser caiçara, quilombola, ribeirinho, caboclo e indígena no Vale do Ribeira.

Referências

- BESSEGATO, M. L. **O patrimônio em sala de aula**. Santa Maria: Evangraf, 2004.
- BOMBARDI, L. M. **O Bairro Reforma Agrária e o Processo de Territorialização Camponesa**. São Paulo: Annablume, 2004.
- BRANDÃO, C. R. (org.). **Pesquisa Participante**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1964.
- CRUZ, R. C. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Rocca, 2003.
- DIEGUES, A. C. S. (org.). **Etnoconservação; novos rumos para a conservação da natureza nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: NUPAUB/USP, 2000.
- DIEGUES, A. C. S.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: NUPAUB-USP, 2001.
- DIEGUES, A. C. S.; VIANA, V. M. (Orgs.). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC/NUPAUB/CEC, 2004.
- FERNANDES, L. L. **Bairros rurais no município de Limeira**. 1972. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1972.

FERNANDES, L. L. **O bairro rural dos Pires**. 1967. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1967.

FREITAS, S. M. de. **História oral**; possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

FUNARI, P. P. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FUNARI, P. P.; NOELLI, F. S. **Pré-História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

GIACOMINI, R. L. B. **Conflito, identidade e territorialização**; Estado e comunidades remanescentes de quilombos no Vale do Ribeira de Iguape-SP. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

ISOLDI, I. A. **Territorialidades negras no território nacional**; processos socioespaciais e normatização da identidade quilombola. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

MARTINS, J. de S. **Fronteira**; A degradação do outro nos confins do humano. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MENESES, U. T. B. de. Memória e Cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

OLIVEIRA, A. U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, M. I. de. **Bairros rurais paulistas**. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

RANGEL, K. S. **De bairro rural a território quilombola**; um estudo da comunidade do Mandira. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

RODRIGUES, A. A. B. **O bairro rural do Tanque – Atibaia/SP**; um exemplo da contribuição da colonização japonesa para evolução do meio rural paulista. 1973. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1973.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SUZUKI, J. C. **De povoado a cidade**; A transição de rural a urbano em Rondonópolis. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado**; história oral. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VENTURI, L. A. B. **Praticando geografia**; técnicas de campo e laboratório. São Paulo: Oficina de textos, 2005.

XIDIEH, O. E. **Semana Santa Cabocla**. São Paulo: IEB, 1972.

WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**; a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

RESUMO

Pensar a cultura material das populações tradicionais da região do Vale do Ribeira (SP) é um exercício de reflexão acerca do significado dos objetos utilizados nas práticas imateriais e materiais. Assim, o nosso objetivo é o de analisar o uso dos objetos, bem como as suas técnicas de confecção e a sua distribuição na paisagem, o que permitirá a compreensão da importância da produção da cultura material das populações tradicionais e, no âmbito da Geografia, da produção do espaço em diferentes formas de organização social. Verificou-se que os objetos, inicialmente relacionados ao uso doméstico, vão se constituindo em artesanato com foco na comercialização com turistas.

Palavras-chave: Modo de Vida. Cultura Material. Populações Tradicionais. Vale do Ribeira. São Paulo.

ABSTRACT

Thinking of material culture from traditional peasant populations of The Ribeira Valley (State of São Paulo) is an exercise of reflection on the meaning of the objects used in the immaterial and material practices. The objective of this research is to analyze the use of objects, as well as, their manufacturing techniques and distribution in the landscape, allowing the understanding of the importance of production of material culture of traditional communities, and within the geography, of production space in different forms of social organization. It has been found that the objects, initially related to the household, constitute themselves as handicrafts focusing on doing business with tourists.

Keywords: Way of Life. Material Culture. Traditional Populations. Ribeira Valley. São Paulo.

Sobre os autores:

¹Júlio César Suzuki - <http://lattes.cnpq.br/4360471897465420>

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1992), graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2004), mestrado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente, é professor doutor

da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária e Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: Agricultura, Urbanização, Geografia e Literatura e Teoria e Método.

Contato: jcsuzuki @usp.br

² Kátia Souza Rangel - <http://lattes.cnpq.br/2761463097929032>

Professora substituta da Universidade Federal do Amapá, Brasil. Mestre em Geografia (Geografia Humana), Universidade de São Paulo, Brasil (2011), onde foi bolsista CAPES em pesquisa sobre populações tradicionais camponesas em unidades de conservação.

Contato: katia.rangel@unifap.br